

# A obra invisível do presidente Sarney

RAYMUNDO NONNATO CASTRO

Nenhum presidente da República foi mais cartunizado, mais alvejado pelo humorismo político, tanto nos programas de televisão, quanto nas peças exibidas nos palcos do País, e sobretudo em nossos periódicos, do que o presidente José Sarney.

De fato, sinto-me à vontade para escrever esta crônica. Primeiro, porque, apesar de ser conterrâneo e amigo de José Sarney, não fui comensal seu nem muito menos beneficiário de sua "Pasárgada", como muitos que o foram, como Ulysses Guimarães, Marco Maciel, Renato Archer, Orestes Quêrcia, Newton Cardoso "et alii" e hoje no fim da festa, renegam e exorcizam o convívio do passado, tal qual o apóstolo Pedro flagrado em sua fraqueza: "Este Homem, não o conheço. Nunca o vi. Jamais, andei com Ele". E assim a História se repete... Ah! Se eu possuísse um galo cujo canto fosse tão forte e varresse a Nação, despertando as consciências e os corações desses outros "Pedros" hoje, atolados até o pescoço, em seus projetos de conquista do comando de nossa precomatosa República. Pois, agora, eles não desejam ser mais frequentadores ou "penetras" da Pasárgada, mas sim, seus donos. Eles não mais aspiram permanecer no "status" de convidados, mas, sim almejam, desesperadamente, as cobiçadas funções de anfitriões do "reino de Avilan".

E José Sarney, o que vem fazendo? Como vem reagindo às defeções, às fugas dos "amigos de ontem", que se escondem e se camuflam, agora, nas sombras da noite, nos corredores do "Sinédrio"? Que medidas duras, autoritárias ou coercitivas tem editado contra as piadas jocosas, até mesmo ferinas e desmoralizantes, com que os humoristas Chico Anysio, Agildo Ribeiro, João Kleber, Dercy Gonçalves, Costinha e outros têm crucificado a figura do Presidente da República? Qual o troco dado por José Sarney aos achaques dos "humoristas do papel", isto é, os cartunistas brasileiros? Qual foi a peça teatral censurada ou retirada de qualquer palco no País, por influência direta ou indireta do Presidente da República? Que cantor, compositor, ator, poeta, escritor, cantador ou jornalista sofreu, em qualquer pedaço do Brasil o menor constrangimento no exercício sagrado de suas profissões? Qual foi a ação judicial de colúnia, difamação ou injúria movida por José Sarney contra quem quer que seja?

Brasileiras e brasileiros — o vocativo, não o emprego como piada pelo contrário, procuro chamar a atenção de todos para "a missão invisível" do presidente Sarney, caracterizada por sua faina diária, determinada e árdua, de proteger a plantinha tenra da democracia que milhares e milhares de patriotas, consciente ou inconscientemente, tentam manter.

Apedrejado, Sarney recolhe as pedras, para cercar o canteiro da "plantinha da liberdade". Ultrajado e escarnecido, Sarney colhe os ultrajes e escárnios, para adubar "a plantinha da fraternidade". Difamado, caluniado e injuriado, Sarney transforma as difamações, calúnias e injúrias em esterco para robustecer "a plantinha da Fraternidade".

Talvez, poucos brasileiros, mas poucos mesmo, tenham identificado a obra invisível executada por este teimoso e inarredável jardineiro da democracia brasileira.

E, o que o jardineiro Sarney mais almeja? Creio que seja transferir a faixa presidencial a outro brasileiro civil: esta é a obra invisível do presidente José Sarney a quem a História há de fazer justiça.